



DEVIR EM POÉTICAS TRANSATLÂNTICAS

Rafaela Francisco de Jesus¹

Resumo:

Este artigo apresenta um recorte da tese de doutorado *Poéticas Transatlânticas: Devires entre a performance negra e a estética da deficiência*, defendida pela autora em 04 de junho de 2025, no Programa Pós-graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás, sob orientação da professora Dra. Renata de Lima Silva Kabilaewatala. É apresentada uma trajetória pautada em experiências e aproximações conceituais que dão suporte à noção de Poéticas Transatlânticas, a qual se afirma como um posicionamento artístico e ético ante às injustiças sociais provocadas pelo racismo e capacitismo estruturais. Para tanto, toma a interseccionalidade como uma encruzilhada entre raça, gênero e deficiência como demarcadores em confluência para compreender a trajetória de Josy Brasil e Mariana Tembe – artistas negras com deficiência – como referências para o estudo. Além disso, são abordados o Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 – NuPICC, as produções acadêmicas que versam sobre performance negra e o Grupo de Dança Diversus como espaço formativo que prima pelo compromisso antirracista e anticapacitista em suas obras artísticas e acadêmicas. Por fim, recorre-se à noção de ancestralidade e a linguagem das cartas como recursos poéticos e performativos, que dão suporte para o devir poético transatlântico. Os resultados apontam para possíveis leituras dos trabalhos e trajetórias artísticas abordadas pautadas em perspectivas interseccionais e desdobramentos identitários de pessoas negras com deficiência e suas nuances, assumindo-se como um estudo em construção, como estão ainda as trajetórias aqui apresentadas, por isso em Devir.

Palavras-chave: Performance negra; encruzilhada; deficiência; ancestralidade; dança.

Abstract:

This study establishes connections between Black Performance and the aesthetics of disability, aiming to highlight artistic productions and trajectories that adopt an anti-racist, anti-sexist, and anti-ableist stance. The study presents a trajectory based on experiences and conceptual approaches that support the notion of Transatlantic Poetics, which asserts itself as an artistic

¹ Artista, pesquisadora e produtora cultural. Doutora e mestra pelo Programa de Pós-graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG), realizou estágio doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra em Portugal (2023-2025). Integrante do NuPICC. Contato: rafaelafrancisco.produtora@gmail.com



and ethical stance against social injustices caused by structural racism and ableism. To this end, it uses intersectionality as a crossroads between race, gender, and disability as converging demarcations to understand the trajectories of Josy Brasil and Mariana Tembe—Black artists with disabilities—as references for the study. Furthermore, the Center for Performing Arts Research and Investigation (Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22) (NuPICC) and academic productions addressing Black performance are discussed, as well as the Diversus Dance Group, a training space that prioritizes anti-racist and anti-ableist commitment in its artistic and academic works. Finally, the notion of ancestry and the language of letters are used as poetic and performative resources, supporting the transatlantic poetic development. The results point to possible readings of the works and artistic trajectories discussed, guided by intersectional perspectives and the identity developments of Black people with disabilities and their nuances. This study is considered a work in progress, as are the trajectories presented here, hence the term "Devir."

Keywords: Black performance; crossroads; disability; ancestry; dance.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte da tese de doutorado *Poéticas Transatlânticas: Devires entre a performance negra e a estética da deficiência*, defendida pela autora em 04 de junho de 2025, no Programa Pós-graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás, sob orientação da professora Dra. Renata de Lima Silva Kabilaewatala. Durante a pesquisa foi realizado estágio doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2023/2024), sob orientação da professora Dra. Marta Araújo.

Poéticas Transatlânticas (Jesus, 2025) pode ser compreendida como um posicionamento ético que reconhece na escrivência (Evaristo, 2002), na performance negra (Jesus, 2020 e Santana, 2021) e na estética da deficiência (Siebers, 2010) possibilidades criativas e politicamente posicionadas ante uma sociedade que ainda está pautada no racismo, sexismo e capacitismo estrutural (Almeida, 2019; Mello, 2019).

A tese se debruça sobre os estudos da performance negra, feministas negros, estudos da deficiência, dentre outros e apresenta um arcabouço conceitual para pensar a identidade de pessoas negras com deficiência, de modo geral, em contextos sociopolíticos e de modo específico, nas artes cênicas, ao apresentar a trajetória de duas bailarinas negras com deficiência



que atuam em diferentes frentes. De um lado Mariana Tembe, bailarina bi-amputada, natural de Moçambique e residente na Ilha da Madeira/Portugal, sobretudo sua performance negra e def no espetáculo Solo for Maria (2015), dirigido pelo coreógrafo moçambicano Panaibra Gabriel Canda e coreografado por ambos. E de outro, Josy Brasil, paraplégica, brasileira, residente entre Brasil e Itália que foi coroada como rainha do bloco afro Muzenza, durante o Carnaval de Salvador/Bahia/Brasil em 2019.

A interlocução com as artistas pesquisadas se deu por meio da escrita de cartas entregues a elas, que são também capítulos da tese, nas quais uma passou a conhecer a trajetória da outra. Josy Brasil foi entrevistada e a carta foi ponto de partida para o diálogo que tocou em pontos relevantes, como a história e as produções do Grupo de Dança Diversus, a importância da trajetória da artista Mariana Tembe, e ainda a história de vida da artista entrevistada, naquele momento contado em primeira pessoa. Neste sentido, a carta foi aporte metodológico para um diálogo ancorado na escrevivência e na comunicação afetiva.

No encontro frutífero com a escrevivência (Evaristo, 2002), também encontrei eco de minha própria história e reconheci em minha ancestralidade, encruzilhadas identitárias antes não percebidas. Na leitura atenta do romance Ponciá Vicêncio da escritora negra brasileira Conceição Evaristo (2003), a falta e o vazio se fizeram poesia e conduziu a pesquisa ao conceito de Ancestralidade Def desenvolvido por Carmo (2023) em diálogo com Lapponi (2023), Oliveira (2021) e Krenak (2022), ou seja, a relação com a escrevivência auxilia na racionalização da existência de meu avô, Joaquim Francisco de Jesus, que foi um homem negro com deficiência, como um elo ancestral que me fez caminhar pela encruzilhada entre performance negra e a estética da deficiência.

Conceituada por Siebers (2010) a estética da deficiência sinaliza para a urgência de reconhecer a deficiência e seu potencial estético na história da arte, se contrapondo a narrativas capacitistas perpetuadas ao longo dos séculos e aos movimentos inclusivos encabeçados por pessoas sem deficiência desde a década de 1990. Na prática, este conceito abre espaço para o protagonismo de artistas e pensadores com deficiência que passam a nomear seus próprios trabalhos e trilhar seus próprios caminhos.



Para fomentar o diálogo entre a performance e a estética da deficiência, encontrei no Devir, conceito de Deleuze e Guattari (2010), uma possibilidade de entendimento generosa no sentido de dar lugar à diferença e ao processo, ainda que este esteja em construção. O Devir é um espaço não linear, que propõe um processo de desterritorialização do indivíduo. Para Deleuze e Guattari (2010 apud Carneiro, 2013), a criação das coisas novas e/ou das novas existências está condicionada a conflitos, ao não lugar — e esse foi exatamente o ponto que marca a construção das Poéticas Transatlânticas.

PERFORMANCE NEGRA E SEUS DESDOBRAMENTOS

O entendimento sobre o conceito de Performance Negra está sendo construído e ampliado ao longo dos anos, neste caminho o Núcleo de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 - NuPICC, grupo de pesquisa vinculado à Universidade Federal de Goiás e registrado no cadastro no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPQ², tem participado efetivamente dessa tarefa³ por meio de produções teórico-práticas e pesquisas acadêmicas engajadas.

As pesquisas de pós-graduação desenvolvidas no interior do NuPICC (Santos, 2019; Jesus 2020; Peixoto, 2021, entre outros), bem como os artigos acadêmicos e livros publicados (Peixoto; Silva, 2021; Silva e Falcão, 2021; Santos e Kabilaewatala, 2024, etc), escritos em colaboração e/ou sob orientação da Professora Dra. Renata de Lima Silva Kabilaewatala compreendem a performance negra como um modo politicamente engajado de se fazer arte, produzir conhecimento e se colocar no mundo. Importante destacar que os espaços de cultivo e manutenção da cultura afro-brasileira, encabeçados por ela, vão além da Universidade e têm sido fundamentais para a consolidação de uma comunidade que se fortalece ao pé do Ipêobá —

² Ver: NÚCLEO de Pesquisa e Investigação Cênica Coletivo 22 (NuPICC). Grupo de pesquisa. CNPq, [S. l.], [2010]. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0513564492240775>> Acesso em: 10 abr. 2025.

³ Ver Jesus (2025)



árvore criada pelas participantes do espaço Águas de Menino, como uma maneira de plantar no cerrado, terra dos exuberantes ipês, uma semente do baobá, trazida de África.

Deste modo, a performance negra se inscreve na práxis artística e política de artistas, pesquisadores, mestres e mestras das manifestações culturais afrobrasileiras e ainda dos movimentos políticos, como o Movimento Negro Unificado (MNU), como evidenciaram as autoras Renata de Lima Silva e Jordana Dolores Peixoto (2022), no artigo *Negro Teatro, Negra Performance*. Para as autoras, o poder mobilizador do MNU extrapolou as fronteiras do movimento político, tendo sido mobilizador discursivo das artes e do corpo.

O Movimento Negro Unificado (MNU) atuou diretamente na luta por direitos básicos da população negra, tendo seu ápice na década de 1970, momento de efervescência de diversos movimentos políticos no mundo. Deste modo, Silva e Peixoto (2022), acreditam que a Performance Negra pode ser vista como uma possível “dimensão estética e sinestésica do Movimento Negro” (p. 6). Tal reflexão é importante, pois, reconhece como as lutas antirracistas no Brasil são catalisadoras de diversas produções estéticas negras e, portanto, podem ser vistas como catalisadoras de performance negra e/ou como performance negra em si mesma.

Destarte, a performance negra no contexto das pesquisas acadêmicas, pode ser compreendida como uma lente metodológica que aglutina múltiplas possibilidades de produzir conhecimento, bem como, reconhece a encruzilhada como fundamento e o corpo negro como ponto de partida, ou como documento, como propôs Beatriz Nascimento (1989). Neste sentido, permite a construção de caminhos metodológicos que respeitem a sabedoria ancestral das comunidades tradicionais e a assertividade das lutas sociais, sem que sejam coisas separadas, mas pontos de confluência (Santos, 2015).

Neste estudo, a performance negra dialoga com os estudos da deficiência, esforço empreendido com o intuito de falar da história de pessoas negras com deficiência sem reduzi-las às suas acontecimentos ou demarcadores, buscando ao mesmo tempo, sentidos para olhar minha ancestralidade que se mostrou negra e def no decurso da pesquisa.



ESTÉTICA, INTERSECCIONALIDADE E DEFICIÊNCIA

A Deficiência é um conceito complexo que não se limita a um corpo com lesão, embora carregue um arcabouço de noções estigmatizantes que foram construídas ao longo da história, também opera como mecanismo de denúncia contra a estrutura que oprime e cria impedimentos à pessoa com deficiência (Diniz, 2007), que busca redefinir os conceitos e suas trajetórias.

Para os autores, Anahi Guedes Mello e Adriano Henrique Nuernberg (2012) a deficiência é um fenômeno sociocultural que inferioriza determinadas variações corporais, sujeitando-as à reabilitação e reparação quando estas são colocadas diante da corponormatividade, ou seja, dos padrões corporais hegemônicos e funcionais. Na mesma direção, a professora e pesquisadora estadunidense Rosemarie Garland-Thomson (2019) percebe que a experiência da pessoa com deficiência é mediada por relações sociais baseadas na discriminação e opressão, pois, dentro do que socialmente se compreende como deficiência, há um arcabouço de xingamentos e nomenclaturas depreciativas, que a faz ser usada como um fator de preservação do privilégio normativo, ou seja, a deficiência é o mecanismo pelo qual a sociedade normativa busca afirmar sua “superioridade”.

A autora acredita que a deficiência une um grupo de pessoas, que têm em comum a diferença, e, portanto, são considerados “anormais” por um outro grupo que, no intuito de se tornarem neutros em um ambiente criado para si, colocam em foco “a incapacidade”, de modo estigmatizante. Assim, a deficiência contraria a norma e demonstra a capacidade múltipla da existência humana. Ao mesmo tempo, denuncia o fracasso do projeto social hegemônico pautado na Corponormatividade.

A Corponormatividade Compulsória ou Capacidade Corporal Compulsória⁴, são conceitos que advêm da *Teoria Crip* desenvolvida por McRuer (2002), para opor-se à noção binária entre deficiência e capacidade, dentro do espectro da *Teoria Crip*. Tal teoria se baseou na *Teoria Queer*, que questiona a binariedade entre heterossexualidade e homossexualidade por

⁴ Guesser e Mello (2021) optaram por Capacidade Corporal Compulsória, ao invés corponormatividade compulsória, por considerar mais didático em relação ao seu significado. Aqui, optei por usar corponormatividade.



meio do que chamaram de *heteronormatividade compulsória*. Mello (2014), Teixeira (2016), Gavério (2021) e Carmo (2023) demonstram em seus estudos que a teoria *crip* tem sido importante para que as identidades defs. sejam repensadas por outros prismas, que não os perpetuados pelo capacitismo, nome dado aos estigmas discriminatórios sofridos pelas pessoas com deficiência.

A antropóloga Anahi Guedes Mello (2019) chama atenção para necessidade de pensar o capacitismo como parte da matriz de discriminação combatida pelos movimentos feministas, antirracistas e decoloniais, visto que percebe tentativas de desqualificar a luta anticapacitista no interior de tais movimentos. Assim, considero urgente construir relações pautadas na interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Akotirene, 2019), a fim de problematizar essencialismos cristalizados sobre a pessoa com deficiência e outros grupos minoritários.

Nas artes cênicas, por conseguinte, a estética da deficiência oferece uma nova perspectiva ao compreender a deficiência em seu valor estético e como parte importante da produção de conhecimento humano, vislumbrando-a como parte do presente e do futuro das artes cênicas, ao mesmo tempo. Para Carmo (2023) o conceito é uma recusa às definições de harmonia e beleza determinados pelos corpos sem deficiência, e, portanto, pela normatividade compulsória. Pois,

A estética da deficiência valoriza as deficiências como um valor significativo em si. Não abraça um gosto estético que defina harmonia, integridade corporal e saúde como padrões de beleza. Tampouco apoia a aversão à deficiência exigida pelas concepções tradicionais de perfeição humana. Em vez disso, impulsiona a valorização da deficiência encontrada em toda a arte moderna e de vanguarda, levantando uma objeção aos padrões e gostos estéticos que excluem as pessoas com deficiência. A ideia da estética da deficiência afirma que a deficiência opera tanto como uma estrutura crítica aos pressupostos estéticos da história da arte, quanto como um importante valor em si para futuras concepções do que seja a arte (Siebers, 2010, p. 71 *apud* Carmo, 2023, p. 187).

Teixeira (2016) aponta que a construção do entendimento de estética da deficiência enfrenta a resistência do pensamento dominante e ao mesmo tempo expressa o fortalecimento



e protagonismo de artistas com deficiência que tem oferecido novas possibilidades estéticas e metodológicas para as artes cênicas na contemporaneidade.

Dentro desse arcabouço de novas possibilidades estéticas e metodológicas, vale mencionar, as Poéticas Acessíveis (Santana *et al*, 2023) que estão sendo desenvolvidas pelo Grupo de Dança Diversus (GDD) e grupo de teatro do Instituto Arte e Inclusão (INAI), ambos de Goiânia/GO/Brasil. Poéticas Acessíveis podem ser compreendidas como uma possibilidade de alargamento e de maleabilidade da Acessibilidade Cultural na relação com a composição dramática, pois demonstram que os mecanismos de acessibilidade são propulsores dos processos criativos e dramáticos das produções do Grupo de Dança Diversus e demais trabalhos citados pelos autores.

Assim como o NuPCCR, o Grupo de Dança Diversus (GDD), além de ser uma proposta engajada com o fazer artístico, isto é, com a prática, é também uma plataforma de reflexão sobre esses fazeres. Atualmente, o GDD é uma companhia de dança que integra pessoas com e sem deficiência. Inicialmente, foi concebido como projeto da extensão universitária *Dando asas*, em 2011, e, depois, como projeto de extensão *Dançando com a Diferença: arte, inclusão e comunidade*, em 2017 pelas professoras Dra. Marlini Lima e Dra. Vanessa Dalla Déa. Desde então, desenvolve suas atividades no seio da Universidade Federal de Goiás.

É importante destacar que o GDD possui ampla diversidade de corpos, etnias, faixas etárias e experiências de dança entre seus participantes, além de atuar ativamente na construção da cena artística da Cidade de Goiânia, tendo sido um espaço importante de letramento sobre a deficiência, bem como espaço formativo para pessoas com e sem deficiência.

O percurso das produções acadêmicas, o GDD começa com o conceito, e a prática, da Dança Inclusiva (Amoedo, 2002), tensionando-o e apontando suas limitações em diálogo com perspectivas decoloniais e sensíveis baseadas na percepção de cada participante, de suas necessidades e potencialidades. Desse modo, estão, no fazer artístico, a convocar formas democráticas de nominar seus trabalhos, seja como “Dança Inclusiva e decolonial” (Dalla Déa *et al.*, 2021), “poética da diferença” (Lima *et al.*, 2022; 2023), “Acessibilidade poética” (Dalla



Déa *et al.*, 2023), até chegarem ao que estão chamando de Poéticas Acessíveis — uma vez que esse é um conceito que ainda está sendo construído e não se encerra em si mesmo.

Ainda guiada pelo entendimento da estética da deficiência e suas possibilidades, também percebo a ancestralidade def. (Carmo, 2023) como um caminho potente que expressa o fortalecimento e protagonismo da pessoa com deficiência, pois evoca do passado pessoas com deficiência que fizeram parte da história com o objetivo de lhe devolver a dignidade negada em seu momento histórico. A ancestralidade é um pilar da cultura afro-brasileira que reconhece a importância do passado na constituição do presente e no gestar do futuro. Ou seja, é uma tecnologia negra que se desdobra na concepção de outras identidades, como, nesse caso, reivindicado pelas pessoas com deficiência. Desse modo, a Ancestralidade Def. é conceituada por Carmo (2023), em diálogo com Lapponi (2023), Oliveira (2021) e Krenak (2022). O autor explica que:

Em razão do histórico de apagamentos e intolerâncias sofridas por pessoas com deficiência, a artista Def multimídia Estela Lapponi (2023) escreveu o texto “Saudação aos antepassados Defs”. Esse manifesto foi escrito em respeito, memória e reverência a quem nos antecedeu e a quem nos mantém em continuidade. Indiscutivelmente, somos parte do fluxo da vida social e permanecemos presentes e resistentes, apesar de todas as violências históricas. O tempo ancestral, em sua dinâmica espiralada e cíclica, como nos sinaliza o filósofo e professor Eduardo Oliveira (2021), faz com que reconheçamos, no tempo presente, histórias acontecidas nos tempos de outrora, que ainda se projetam no amanhã (Carmo, 2023, p. 39).

A Ancestralidade Def., defendida por Carmo (2023), traz em si o reconhecimento da ancestralidade negra como ponto de partida para o reconhecimento de um passado def. que possa contar histórias outras. Nesse exercício passo a reconhecer meu avô Joaquim Francisco de Jesus, um homem negro com deficiência, como meu ancestral def., um ponto de confluência, percebido no fluxo entre os estudos da deficiência e a escrevivência.

Comprometida com a Escrevivência (Evaristo, 2002) enquanto uma ferramenta política que também constrói espelhos ancestrais, como afirmou Evaristo (2024), escrevi uma carta destinada ao meu avô Joaquim Francisco de Jesus, ou simplesmente, Joaquim Aleijado, como



era conhecido em Missões de Aricobés/Bahia. Nesta carta, sintetizo os conceitos e junto os pedaços da memória em um exercício de lembrar e saudar meu antepassado def, como fez Laponi (2023), ao mesmo tempo, reconheço o romance Ponciá Vicêncio como uma possível representação das pessoas negras com deficiência na literatura brasileira. Essa literatura, em especial, Conceição Evaristo chama de Escrivivência, pois ela constrói suas narrativas pautadas pela vivência de mulheres negras, perspectiva crucial para navegar em Poéticas Transatlânticas.

DEVIR EM POÉTICAS TRANSATLÂNTICAS

Poéticas Transatlânticas é um pensamento do corpo forjado entre transmigrações (Nascimento, 1989 *apud* Ratts, 2006), chegadas, partidas e travessias que em águas passou e em outras mergulhou e fez parada. É antes de tudo, um posicionamento ético antirracista, antisexista e anticapacitista ante um mundo desigual, produtor de injustiças e invisibilidades. Ao mesmo tempo, é a lente que se propôs a observar o vão ainda existente, entre estudos feministas negros e os estudos da deficiência, que deixam escapar existências múltiplas, como a das mulheres negras com deficiência, por exemplo.

Os autores Deleuze e Guattari (2010 *apud* Carneiro, 2013) definiram Devir como um espaço não linear, composto por um processo de desterritorialização do indivíduo, assim, eles consideravam que a criação das coisas novas e/ou das novas existências está condicionada a conflitos, ao não lugar — e esse foi exatamente o ponto que me encontrava quando comecei a navegar em Poéticas Transatlânticas.

O Oceano Atlântico une e separa Europa, África e América, motivo pelo qual foi escolhido como rota comercial escravagista entre os séculos XVI e XIX. É o segundo maior oceano em extensão e o quinto em superfície da terra, do ponto de vista histórico-cultural afro-brasileiro é o abrigo de uma memória de dor e morte, resultado do tráfico transatlântico, assim se consolidou como um aspecto importante de reinvenção dos povos da diáspora que precisaram se reerguer apesar da história de violência que os levaram às Américas.



Deste modo, reconhecer a grandeza do Atlântico em seu aspecto geográfico e mítico na constituição do continente americano, é de algum modo saudar a ancestralidade negra que nele habita. De acordo com a pesquisadora Leda Maria Martins (2021) a ancestralidade é o fundamento, o elo de ligação entre as culturas africana e as culturas da diáspora, transmissor de energia vital, “[...] extensão das temporalidades curvilíneas, regente da consecução das práticas culturais, habitadas por um tempo não partido e não comensurado pelo modelo ocidental da evolução linear e progressiva”. (Martins, 2021, p. 42).

A Diáspora foi mediada pelo Atlântico, que por sua vez, dá corpo à tríade Europa-América-África. Beatriz Nascimento (1989 *apud* Ratts, 2006) se debruçou sobre essa relação e buscou em seus estudos a paz em elos de ligação de histórias fragmentadas. Uma relação triangular que tem a América em uma de suas pontas, e de um lado, uma África “imaginada”, do outro, uma Europa “demonizada”, ambos fragmentos de uma memória ancestral. Neste sentido, na busca incessante pela ancestralidade negra, mergulhamos no universo mítico africano e tendemos a rejeitar a indigesta ancestralidade europeia. Assim, na ponta do triângulo, o território de *Abya Yala*, nome ancestral do continente americano, tenta se lembrar do que era antes da colonização, do genocídio e apagamento que a acompanhou, em uma busca ainda tímida pela cultura e história dos povos indígenas que lá sempre estiveram.

Nessa direção, uma poética transatlântica se constitui na incompletude de elos perdidos, no fluxo constante da transmigração que ao mesmo tempo, busca lembrar o passado e recriar o presente. Na concepção de Nascimento (1989 *apud* Ratts, 2006), a transmigração e a diáspora são experiências que conectam coletividades negras. Ela cita os trânsitos forçados dos povos africanos no período colonial e, ao mesmo tempo, que conecta a experiência de sua família que migrou do nordeste para o Rio de Janeiro.

Essa conexão de experiências feita por Nascimento (1989) reconhece a herança ancestral cunhada no trânsito e nas travessias de outrora, que se atualiza por meio das migrações e imigrações na busca de uma vida melhor, por exemplo. Assim, nos novos espaços, são refeitos os laços e trazidos, em seus corpos, reconhecido pela autora como o principal documento dessas travessias forçadas ou voluntárias. Corpo este que experimenta o mundo por perspectivas



diversas e demarcadores inseparáveis, embora uns apareçam mais que outros em determinados momentos.

CONCLUSÃO

As pesquisas aqui apresentadas evidenciaram que a performance negra está diretamente relacionada a um posicionamento político na cena artística, que permite a reconstrução de identidades e imagens que foram perdidas na diáspora. Ao dialogar com Beatriz Nascimento (1989), enfatizo a potência dos estudos da performance negra como lugar simbólico de referência no âmbito da pesquisa acadêmica, pois tem permitido que narrativas biográficas se materializem, o que modifica assim o percurso científico da escrita impessoal e dá lugar a subjetividades negras.

De modo semelhante, ocorre na produção de artistas com deficiência que reivindicam o reconhecimento de suas subjetividades e ao mesmo tempo, propõem novos contornos para o entendimento da própria deficiência, como experiência, conceito e modo de existir no mundo, como na estética da deficiência (Siebers, 2010), Poéticas Acessíveis (Santana, et al. 2023) e na Ancestralidade Def (Carmo, 2023).

Portanto, a contribuição desta pesquisa é a construção de uma Escrivivência que objetivou discorrer sobre performance negra e a estética da deficiência em relação, seja pelo território, pelos corpos, ou pelas bandeiras políticas assumidas na cena artística, a fim de apresentar e nomear algumas artistas negras que, de algum modo, passaram pelo meu percurso. Nesse sentido, por acreditar que só podemos romper com nossos preconceitos ao passo que nos colocamos cara a cara com ele, essa escrita também é um exercício de aprendizado e confronto com as diversas formas de ser e existir no mundo. Almejei, aqui, o Devir - como um onda do mar, impulso de oceano - como uma possibilidade de produção de conhecimento pautado no compromisso ético antirracista e anticapacitista — esse é o começo-meio-começo para o que acredito ser poéticas transatlânticas.



REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Editora: Pólen Livros; Edição: 1, 2019.

AMOEDO BARRAL, José Henrique. **Dança inclusiva em contexto artístico**: análise de duas companhias. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, 2002.

BISPO, Antônio. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: Ayô, 2019.

CARMO, Carlos Eduardo Oliveira do. **Vocês, bípedes, me cansam!** Modos de aleijar a dança como contra narrativa à bipedia compulsória. Camaçari, 2023. Tese (Doutorado) — Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias. Programa de Pós-Graduação MultiInstitucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento - PPGMMDC, campus XIX, 2023.

CARNEIRO, Altair de Souza. **Deleuze & Guattari**: uma ética dos devires. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Toledo, Centro de Ciências Humanas e Sociais, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/0>. Acesso em: 13 abr. 2025.

DALLA DÉA, V. H. S., LIMA, M. D. de., BARRAL, J. H. A.; FERREIRA, J. M. Dança como possibilidade de educação para Direitos Humanos: entendendo, discutindo e encenando o Holocausto. **Revista Brasileira De Educação Física E Esporte**, [S. l.], v. 35, n. 3, p. 89-97, 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.v35i3p89-97>.

DALLA DÉA, Vanessa Helena Santana; LIMA, Marlini Dorneles de; CURADO, Renata Valerio Pova. GRUPO DE DANÇA DIVERSUS: POR UMA PEDAGOGIA DANÇANTE PAUTADA NA ESCUTA SENSÍVEL E ACESSÍVEL. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, Marília, SP, v. 24, n. 2, p. 298–309, 2024. DOI: [10.36311/2674-8681.2023.v24n2.p298-309](https://doi.org/10.36311/2674-8681.2023.v24n2.p298-309). Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/15439>. Acesso em: 7 jan. 2025.

DINIZ, Débora. **O que é Deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Maza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. Minicurso Escrevivências: Imagens e Espelhos. Casa Escrevivência/ Festival Literário de Óbidos – FOLIO, 2024.



GARLAND-THOMSON, R. Reconfigurar, repensar, redefinir: Estudos Feministas da Deficiência. In: SANTOS, Ana Cristina; FONTES, Fernando; MARTINS, Bruno Sena; SANTOS, Ana Lúcia (orgs.). **Mulheres, Sexualidade, Deficiência** – Interditos da Cidadania Íntima. CES/Edições Almedina: Coimbra, 2019.

GAVÉRIO, Marco Antonio. Estranhos desejos: a proliferação de categorias científicas sobre os “desejos pela deficiência”. **Educação em Análise**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 52–75, 2021. DOI: 10.5433/1984-7939.2021v6n1p52. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/42320>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GESSER, Marivete; BLOCK, Pamela; MELLO, Anahí Guedes de. Estudios Sobre Discapacidad: interseccionalidad, anticapacitismo y emancipación social. **Andamios**, Ciudad de México, v. 19, n. 49, p. 217-254, agosto 2022. DOI: <https://doi.org/10.29092/uacm.v19i49.924>. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-00632022000200217&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 13 abr. 2025. Epub 05-Jun-2023.

JESUS, Rafaela Francisco de. **A performance negra de Victoria Santa Cruz e suas reverberações na construção de Escrivências e feminismos negros**. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

JESUS, Rafaela Francisco. **Poéticas transatlânticas: Devires entre a performance negra e a estética da deficiência**. Tese de Doutorado [Manuscrito, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025].

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAPPONI, Estela. **Corpo intruso: uma investigação cênica, visual e conceitual** / Estela Lapponi. 1ª. ed. São Paulo: Casa de Zuleika, 2023.

LIMA, M. de; DALLA DÉA, V. H. S.; SANTOS, R. C. dos; OLIVEIRA, A. L. de. Experiências em dança que transbordam: ações, criações e afirmações poéticas de corpos diversos. **Revista TXAI** - Programa de Pós-graduação de Artes Cênicas - Ufac, [S. l.], v. 1, n. 2, 2023. Recuperado de <<https://periodicos.ufac.br/index.php/txai/article/view/6701>> Acesso em jul. de 2023.

LIMA, M. de; KABILAEWATALA, R.; PEIXOTO, J. D.; BARRETO, C. C. Poéticas da encruzilhada: Capoeira no jogo da cena. **Sala Preta**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 111-139, 2024. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v23i3p111-139>> Acesso em 20 mar. 2025.



MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MELLO, Anahí Guedes de. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência**. 2014. 260 f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MELLO, Anahí Guedes de. **Olhar, (não) ouvir, escrever: uma autoetnografia ciborgue**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 635–655, 2012. DOI: 10.1590/S0104-026X2012000300003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000300003>. Acesso em: 13 abr. 2025.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da Ancestralidade: Corpo de mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

PEIXOTO, Jordana Dolores. **Poéticas e saberes da capoeira Angola: caminhos para pensar a performance negra de atrizes e atores narradores**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11241>

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. Instituto Kuanza. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. 138 p. Disponível em: <<https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf>> Acessado em: 02/03/2023.

SANTANA, Mônica Pereira de. **Mulheres negras: (auto) - (re)invenções devires e criação de novos discursos de si nos corpos de criadoras negras**. Tese (Doutorado) — Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro, Salvador, 2021.

SANTANA, Thiago de Lemos; LIMA, Marlini Dorneles de; DALLA DÉA, Vanessa Helena Santana. Poéticas Acessíveis no Cerrado: encontros, criações e experiências em Artes da Cena. **Pitágoras 500**, Campinas, SP, v. 13, n. 00, p. e023007, 2023. DOI: 10.20396/pita.v13i00.8673459. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8673459>. Acesso em: 30 set. 2024.



SANTOS, Ana Cristina; FONTES, Fernando; MARTINS, Bruno Sena; SANTOS, Ana Lúcia (orgs.). **Mulheres, Sexualidade, Deficiência – Interditos da Cidadania Íntima**. CES/Edições Almedina: Coimbra, 2019.

SANTOS, Flavia Cristina Honorato dos; Kabilaewatala, Renata de Lima Silva. **Ressonâncias musicais no corpo e cena da performance negra**. Revista Bras. Estudos da Presença, Som em cena, v. 14 (4), São Paulo: 2024. DOI:< <https://doi.org/10.1590/2237-2660138340vs01>> Acesso em 8 abr. 2025.

SANTOS, Flavia Cristina Honorato dos. **As ressonâncias da musicalidade afro-brasileira no espetáculo Por cima do mar eu vim**. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10349>. Acesso em 8 abr. 2025.

SIEBERS, Tobin. **Disability aesthetics**. Ann Arbor: The University of Michigan Press; 2010.

SILVA, R. de L.; PEIXOTO, J. D. (2022). Negro Teatro, Negra Performance. **Revista Brasileira de Estudos Da Presença**, [S. l.], v. 12 n. 4, 2022, e120854. <https://doi.org/10.1590/2237-2660120854vs01>

SILVA, Renata de Lima (Kabilaewatala); FALCÃO, José Luiz Cirqueira. **Performance negra e dramaturgias do corpo na Capoeira Angola** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. 338 p. Disponível em: <http://www.editorafi.org>

TEIXEIRA, Ana Carolina Bezerra. **A estética da Experiência: trajetórias do corpo deficiente na cena da dança contemporânea do Brasil e dos Estados Unidos**. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro, 2016.